

# O xarope de Dona Vardé e outras receitas de resistência no quilombo Kaonge, Bahia

Iacy Silvera<sup>1</sup>  
Fátima Tavares<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Bahia

**Resumo:** Este artigo apresenta práticas de resistência desenvolvidas entre humanos e não humanos pelas formas de habitar sua terra, presentes no quilombo Kaonge, no Recôncavo Baiano. A partir do conceito de *reclaim*, de Isabelle Stengers, e sua ampliação aplicada aos indígenas sul-americanos por Renato Sztutman, propomos estender a reflexão também aos povos quilombolas, iluminando os contrafeitiços que vêm sendo elaborados por essas comunidades.

**Palavras-chave:** terapêutica quilombola; resistência; capitoloceno.

SILVERA, Iacy; TAVARES, Fátima. O xarope de Dona Vardé e outras receitas de resistência no Quilombo Kaonge, Bahia. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (17): 331-344, maio a agosto de 2021. ISSN: 2358-5587

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (2020), mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais (2016), graduação em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009).

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela UFRJ, onde também obteve os títulos de Mestre em Sociologia e Doutora em Ciências Humanas (Antropologia). Realizou estágio de doutorado na École des Haute Études en Sciences Sociales em Paris entre 1996 e 1997. Professora Titular no Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA.

## Dona Vardé's syrup and other resistance recipes in *quilombo Kaonge*, Bahia

**Abstract:** This paper presents practices of resistance, developed between humans and non-humans by the ways of inhabiting their land, which are found in the maroon community of Kaonge, in the Recôncavo Baiano. Departing from the concept of reclaim, by Isabelle Stengers, and its expansion applied to South American indians by Renato Sztutman, we propose to extend the reflection to the maroon people, highlighting and illuminating the counter-spells which are elaborated by these communities.

**Keywords:** Maroon therapeutics; Maroon communities; Resistance; Capitolocene.

## Jarabe de Dona Vardé y otras recetas de resistência en *quilombo Kaonge*, Bahía

**Resumen:** Este artículo presenta prácticas de resistencia desarrolladas entre humanos y no humanos por las formas de habitar su tierra, presentes en el quilombo Kaonge, Recôncavo Baiano. A partir del concepto de reivindicación de Isabelle Stengers y su expansión aplicado a los indios sudamericanos por Renato Sztutman, proponemos extender la reflexión también a los pueblos quilombolas, iluminando los contraenspells que han sido elaborados por estas comunidades.

**Palabras clave:** terapéutica quilombola; resistencia; capitoloceno.

O quilombo Kaonge, dentre outros da região, compõe o Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape<sup>3</sup>, organização de grande relevância na política regional. Localizados no município de Cachoeira, Recôncavo Baiano, todos os quilombos possuem certificação pela Fundação Palmares, mas nenhum ainda conseguiu a titulação das terras.

O Conselho Quilombola surgiu a partir da Companhia de Dança Quilombola do Iguape, que promovia o estudo das danças de matriz africana e fazia apresentações públicas. Através dela, surgiu, em 2001, o Centro de Educação e Cultura da Bacia e Vale do Iguape-CECVI, impulsionando a fundação, em 2005, da referida organização quilombola. Atualmente o Conselho organiza-se por núcleos de produção: azeite de dendê, cultivo de ostra, apicultura, artesanato, e a Rota da Liberdade - roteiro de turismo étnico de base comunitária -, em que são apresentados aos visitantes os produtos da “cultura” quilombola, incluindo o xarope, com orientação religiosa, feito por Dona Vardé, anciã do quilombo Kaonge.

O quilombo Kaonge é o território da família Viana, onde vivem os irmãos Ananias (liderança política) e Juvani (liderança espiritual), cunhada de Vardé, que articulam as comunidades numa organização notável no âmbito do movimento quilombola dessa região. A cultura afroreligiosa ganha especial destaque nesse movimento de inclusão de bens culturais, sendo capitaneado em grande parte por iniciativas da comunidade do Kaonge na fundamentação das “políticas de autenticidade” (MEYER, 2019) para a patrimonialização da cultura quilombola (TAVARES, BASSI e CAROSO, 2020).

Neste artigo vamos tratar dessa criação que atravessa a Rota da Liberdade e a família Viana e se cristaliza no “xarope da Vardé”, mapeando as transformações que possibilitaram seu surgimento e os desdobramentos de entidades religiosas materializadas em corpos, objetos, ambientes. Desde 2013 desenvolvemos parcerias nessa região enquanto pesquisadoras do ObservaBaía/UFBA, mas no final de 2016, o ObservaBaía e pesquisadores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), fomos solicitados a realizar um extenso levantamento dos terapeutas tradicionais das comunidades, uma demanda do Conselho Quilombola<sup>4</sup>.

Desse levantamento, transformado em livro (TAVARES et al., 2019), pudemos compreender que as formas de cuidar quilombolas, longe de estarem entesouradas, configuram conhecimentos disseminados pelas comunidades, isto é, estão presentes no cotidiano de muitas pessoas e não apenas dos “especialistas”, razão pela qual preferimos o conceito de “praticantes terapêuticos”, mais afim às formas de circulação rizomática presente nesse território. São conhecimentos e práticas que também atravessam o trabalho de Dona Vardé e não podem ser tratadas como “sobrevivências culturais”, associando sua existência à falta de acesso

<sup>3</sup> Atualmente o Conselho reúne 16 comunidades quilombolas: Dendê, Engenho da Cruz, Engenho da Ponte, Engenho da Praia, Engenho Novo, Engenho da Vitória, Brejo da Guaíba, Imbiara, Kaimbongo, Kalembá, Kalolé, Kaonge, Mutecho e Acutinga, Tabuleiro da Vitória, Terra Vermelha, Tombo/Palmeira. Para maiores informações sobre o Conselho ver: SANTOS, Cléia Costa et al (2019).

<sup>4</sup> A pesquisa contou com o apoio da ONG italiana Cospe, que realizou uma parceria com o Conselho Quilombola em diversos projetos e atividades entre 2016 e 2020.

aos sistemas de saúde modernos por parte de populações que se encontram em condições vulneráveis. Assim, considerando a especificidade desse habitat (INGOLD, 2000) e articulando algumas ideias desenvolvidas por Isabelle Stengers (2017) e Renato Sztutman (2018) podemos compreender o imbricamento entre o modo de viver e a terapêutica de Dona Vardé no quilombo do Kaonge.

## O circuito Rota da Liberdade e o xarope de Dona Vardé

O Circuito “Rota da Liberdade”, organizado nos moldes da autogestão, é gerenciado pelo Núcleo de Turismo Étnico de Base Comunitária Rota da Liberdade. Criado em 2005, abrange quatro comunidades do Conselho Quilombola, além dos quilombos São Francisco do Paraguaçu e Santiago do Iguape. O roteiro apresenta uma composição de várias atividades e trilhas de paisagens que visibilizam o patrimônio cultural do tempo da escravidão (vestígios dos velhos engenhos, capelas, igrejas e o Convento de Santo Antônio do Paraguassu, dentre outros sítios), mas também da história recente das comunidades, com as casas de farinha, os locais de devoção (como o “Pé do Velho”, na comunidade do Engenho da Ponte), o Terreiro de umbanda “21 Aldeias de Mar e Terra” (no Kaonge). Além das referências culturais dos lugares, o roteiro de visita também inclui a apresentação das atividades dos núcleos de produção comunitária do Conselho Quilombola.

O ponto de partida para a criação do circuito veio em 2001, com o Projeto “Cultura Viva”, do governo federal, em que foram selecionados 20 jovens de diferentes comunidades, recebendo uma bolsa de 150 reais para elaborar o levantamento dos vestígios dos antigos engenhos e histórias das comunidades contadas pelos mais velhos moradores. Assim, em 2005 surgia a ideia de criar o núcleo de turismo, agregando-se aos núcleos de produção ligados ao Conselho Quilombola (BORBA, 2018).

A criação da Rota da Liberdade viabiliza novas formas de geração de renda para a comunidade. Vivendo da roça, pesca, farinha de mandioca, dendê, mel e mariscagem, o turismo surge como uma possibilidade de renda extra, além do fortalecimento cultural. A Rota da Liberdade apresenta três roteiros de visitação: No “Roteiro Histórico” pode-se fazer visitas ao Convento de Santo Antônio (na comunidade de São Francisco do Paraguassu), a Igreja Matriz de Santiago do Iguape (na comunidade de mesmo nome), conhecer a “camboa de pau” (tecnologia para criação de ostras) e demais estruturas que compõem o cultivo de ostra (comunidade do Dendê) e a Capela de Nossa Senhora da Conceição (comunidade do Engenho da Ponte), sendo os trajetos realizados de barco ou carro. No roteiro “Trilha Griô – Caravana dos Orixás”, os turistas refazem ao longo de 4 quilômetros de caminhada o ritual da Esmola Cantada dos Festejos de São Roque, festa tradicional organizada pela comunidade do Engenho da Ponte e que foi “retomada” há alguns anos (BASSI e TAVARES, 2017). No Roteiro “Dia a Dia”, ao longo do dia os turistas conhecem a rotina de trabalho da comunidade do Kaonge (BORBA, 2018).

Esse último roteiro inicia com um passeio pelo quilombo do Kaonge. A abertura é feita por Dona Juvani, mestre Griô<sup>5</sup> do grupo, que conta a história da região e sua história de vida. Ela nasceu na comunidade e morou em Salvador na adolescência e, ao retornar ao Kaonge, criou a primeira escola do quilombo, sendo a

<sup>5</sup> A figura do griô vem ganhando legitimidade crescente no âmbito de comunidades quilombolas.

primeira professora a lecionar na região. Dona Juvani também é líder espiritual da comunidade<sup>6</sup> e do Terreiro de Umbanda 21 Aldeias de Mar e Terra, ali situado.

Após a apresentação de Dona Juvani, visita-se também a casa de farinha, onde são demonstradas as técnicas de processamento da mandioca. A seguir, observa-se o processo de feitura do azeite de dendê. A última apresentação da manhã é feita por Dona Vardé, ou Valdelice Mota de 91 anos, erveira e rezadeira da comunidade. Cunhada de Dona Juvani, ela nasceu numa comunidade próxima e vive no quilombo do Kaonge desde a adolescência. Passou por dificuldades na infância, quando trabalhava em Salvador, tendo chegado ao Kaonge fugida da exploração da cidade - desde então cuida da comunidade com as ervas e rezas que protegem o grupo.

Dona Vardé reza<sup>7</sup> os interessados, mas anuncia certos limites sobre quem precisa ou não da reza. Sua participação no roteiro turístico não se limita à atuação enquanto erveira e/ou rezadeira, mas também apresenta a história do “xarope da Vardé”, recebida em sonho, de sua entidade espiritual (uma índia, como ela denomina) ligada ao Terreiro 21 Aldeias de Mar e Terra, xarope que pode ser adquirido pelo visitante.

A receita foi “enviada”, conforme afirma Dona Vardé, especificamente para o Roteiro da Rota da Liberdade. Dona Vardé não revela detalhes da receita, mas afirma que faz o xarope com as ervas do seu próprio quintal. O processo de feitura é cuidadoso, sendo permitida apenas (recentemente) o auxílio de uma das filhas de Dona Juvani, a quem caberá a sucessão da guarda da receita. O xarope é largamente consumido nas várias comunidades quilombolas, sendo também vendido em diversas ocasiões de comercialização dos produtos das comunidades (mel, artesanato, ostras, farinha de mandioca, doces etc.): além da Rota da Liberdade, em feiras, eventos e, sobretudo, na Festa da Ostra, grande evento anual que ocorre no mês de outubro no Kaonge (BASSI e TAVARES, 2017). No xarope conectam-se a dádiva da entidade à encomenda de um produto de sucesso, cujos vínculos entre antepassados e os moradores atuais do Kaonge fundamentam a legitimidade da tradição quilombola. De fato, a receita cria resistência, conforme detalharemos a seguir.

## Reativando o animismo, a feitiçaria e outras receitas de resistência

Em Stengers (2017) e Sztutman (2018) podemos acompanhar os sentidos do conceito *reclaim* proposto por Stengers<sup>8</sup>. A tradução para o português, como destacam Jamille Pinheiro e Sztutman, oscilaria entre “reativação” e “retomada” e se refere a práticas que foram marginalizadas pelo capitalismo, como a magia e a feitiçaria. Em um diálogo constante com a escritora e ativista neopagã Starhawk, Stengers vê nessas práticas “modalidades de resistência política e possibilidades de recuperação de um ‘comum’” (SZTUTMAN, 2018: 342).

<sup>6</sup> Dona Juvani não gosta de ser chamada de Mãe de Santo.

<sup>7</sup> Utilizamos o termo “rezar” seguindo a referência nativa. Compreende agência das palavras entremeadas aos procedimentos que intervêm no corpo do outro (gestos, ervas etc.). É preciso considerar que a concepção de corpo guarda diferenças com o corpo biológico, entretanto esta discussão transcende os limites deste trabalho. Para um aprofundamento desta questão no contexto quilombolas ver Tavares et al, 2019.

<sup>8</sup> O primeiro texto “Reativando o animismo”, de Isabelle Stengers, foi publicado originalmente em inglês em 2012 na revista e-flux. Posteriormente foi traduzido por Jamille Pinheiro Dias e publicado na Revista Cadernos de Leitura em 2017. O texto “Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers” foi apresentado por Sztutman na Mesa “Feitiçarias contrapolíticas, contrafeitiçarias políticas”, realizada em 19 de maio de 2017 na VI ReACT.

No texto de Stengers, a necessidade de reanimar o animismo, proposta pela autora, apresenta-se como um pano de fundo para trazer à tona a divisão à qual ela se refere entre “nós” e eles (os animistas).

Não me esquecerei, em especial, de que o lado da divisão em que me encontro continua marcado não apenas por essa narrativa épica, mas também, e talvez de forma ainda mais crucial, pelo seu correlato moral: “não retrocederás”. Trata-se de um imperativo moral que confere outro significado à minha decisão de ficar do lado ao qual pertença. De fato, há um trabalho considerável a ser feito deste lado. Podemos realizá-lo ao nos confrontarmos com o imperativo moral que nos mobiliza, visto que ele produz um medo nebuloso de sermos acusados de retrocesso se damos o mínimo sinal de estar trairando a verdade “dura” ao nos deixarmos levar por crenças “brandas” e ilusórias. (STENGENS, 2017: 3)

Na perspectiva da autora, o animismo representaria, para a ciência moderna, e, portanto, para “nós”, um retrocesso na direção do progresso, que se impõem a “nós” como um dispositivo moral. Para Stengers, a saída pode estar no que Viveiros de Castro chamou de necessária descolonização do pensamento. Como coloca a autora, “aquilo a que se chama Ciência, ou a ideia de uma racionalidade científica hegemônica, pode ser entendido em si mesmo como produto de um processo de colonização” (2017: 4).

É nesse sentido que o termo *reclaim* é proposto pela autora, no intuito de reativar aquilo do qual fomos separados, recuperando o que a separação em si envenenou. Conforme relata Stengers (2017), tal termo lhe chegou como um presente das bruxas neopagãs dos Estados Unidos, com as quais têm se envolvido.

A tradutora do texto de Stengers, em uma nota de rodapé, destaca a dimensão político-terapêutica da expressão, não se remetendo à ancestralidade como retorno à essência primordial, mas à reformulação criativa de práticas neste sentido:

Em outro ensaio [...] Stengers explicita que “reclaiming’ é uma aventura tanto empírica quanto pragmática, pois não significa primordialmente retomar o que foi confiscado, mas aprender o que é necessário para habitar novamente o que foi destruído. ‘Reclaiming’, na verdade, está irredutivelmente associado a ‘curar’, ‘reapropriar’, ‘aprender/ensinar de novo’, ‘lutar’, ‘tornar-se capaz de restaurar a vida onde ela se encontra envenenada’”. Decidimos pela tradução do verbo “to reclaim” como “reativar” a fim de abarcar o potencial terapêutico e político da ideia aqui proposta. (2017: 8)

A abrangência do termo, assim como sua força rizomática (política, terapêutica, descolonizadora) é abordada no texto de Sztutman (2018), destacando que além das bruxas neopagãs dos Estados Unidos, outras formas de habitar na América do Sul, parecem também oferecer receitas de resistência. O autor (2017) dialoga especialmente com duas obras de Stengers - “La sorcellerie capitaliste” (2005, com Philippe Pignarre) e “Au temps des catastrophes” (2009) -, enfocando que se trata de apresentar a ideia do capitalismo como um feitiço, o qual exigiria técnicas de desenfeitiçamento. Tais técnicas referem-se às receitas de resistência, e ainda, ao alinhamento com Gaia<sup>9</sup>.

Para Sztutman (2018) o conceito de resistência do qual trata Stengers não se potencializa como reação, mas no sentido de afirmar um modo de existir, “criar novos possíveis”. A captura pelo Estado e pelo regime de subjetividade capitalista seriam parte desse feitiço capitalista, suprimindo “um comum”. Assim, a resistência a que se refere Stengers seriam formas (novas ou não) de recusar ou reagir a tal captura.

<sup>9</sup> “Stengers nomeia ‘intrusão de Gaia’ essa resposta à expansão predatória do capitalismo, a essa era que poderíamos agora chamar Capitaloceno”. (SZTUTMAN, 2018, p. 350)

Sztutman (2018) destaca que vários pensadores contemporâneos têm trabalhado com a ideia de desenfeitiçamento. Stengers e Pignarre (2005), Favret-Saada (1977) e Kopenawa (2015) desenvolvem essa ideia como forma de “empoderamento”:

Desenfeitiçar é, tanto nos exemplos de Pignarre e Stengers, como naqueles mais etnográficos oferecidos por Favret-Saada e Kopenawa, proteger-se ou ainda “empoderar-se”. É recobrar aquilo que o capitalismo tomou e sobrecodificou, a feitiçaria não como malefício, mas como *pharmakon*, remédio como veneno. Para falar do desenfeitiçamento, Pignarre e Stengers tomam emprestado outro termo do vocabulário ativista (do feminismo, do movimento negro): *empowerment*. “Empoderamento” não me parece, contudo, a melhor tradução, poderíamos talvez pensar em “autodeterminação”. De todo modo, quando Stengers e Pignarre se referem a técnicas de *empowerment*, estão pensando na habilidade de imaginar, de mover-se sem medo, de criar novas lutas, tendo em vista sempre devires minoritários. (SZTUTMAN, 2018: 348)

Conforme segue Sztutman na apresentação do pensamento de Stengers, o feitiço do capitalismo compreende outras formas de dominação e colonização. A perseguição das bruxas e a demonização de seus conhecimentos deu-se em grande parte acompanhada pelo surgimento da ciência moderna e da visão científica, promovendo a substituição da bruxa e da curandeira popular pelo doutor.

Destacam-se nesse processo, como bem ressalta Sztutman (2018), a dimensão democrática e informal do conhecimento tradicional, que passou a ser perseguido frente a um poder homogeneizador e centralizado; a demonização do saber e poder feminino frente ao patriarcalismo que se impunha neste período; e, ainda, o controle dos corpos (biopoder), que passou a ser imposto pela ciência moderna, como bem relatou Foucault (1987).

As receitas de resistência, então, estariam voltadas às técnicas de desenfeitiçar, que implicam, em certa medida, também tornar-se feitiçeiro. Outro ponto importante dessas receitas, segundo defendem Stengers e Sztutman, está no alinhamento com Gaia: reativar os vínculos com a Terra, e com os demais deuses e espíritos, vínculos que perdemos, ou ainda não estabelecemos. As receitas a que se referem os autores tratam dos agenciamentos moleculares, das minorias. Seriam, assim, “Receitas feitiçeras”, que ressaltam um trabalho de experimentação ativa, sempre aberto ao imponderável e ao imprevisível” (SZTUTMAN, 2018: 342).

Stengers afirma que as forças do capitalismo atuam no sentido de se apropriar do conhecimento (e não mais apenas a apropriação das forças de trabalho como foi anteriormente proposto por Marx). Conforme Sztutman (2018), Stengers defende que tal apropriação não se dá a partir de um saber abstrato, mas de relações que constituem formas de vida (um comum).

A questão passa a ser, portanto, como não deixar que esse conhecimento compartilhado seja capturado. O que os novos cercamentos destroem é uma inteligência coletiva – essa capacidade de pensar e imaginar juntos, de promover conexões –, destroem o que faz comunidade, e não apenas um saber abstrato. (SZTUTMAN, 2018: 354)

Talvez seja nesse sentido que se possa compreender o que pode ser dito e o que deve permanecer oculto na apresentação do “xarope da Vardé”: a receita, a forma de fazer, a apresentação na Rota da Liberdade. No quilombo, sabe-se que se trata de receita cuidada com zelo e que a feitura do xarope apenas recentemente tem sido “auxiliada” por uma jovem que deverá herdar esse trabalho. Pelo que conhecemos dessa comunidade e de sua *expertise*, a perpetuação de “receitas de resistência” como essa não poderia ser posta em “risco”.

Por se entrelaçarem à vida, os saberes e conhecimentos terapêuticos quilombolas apresentam formas diferenciadas de aprendizado em relação ao aprendizado formal (escolar), combinando “atenção” e “intenção”. O aprendizado se faz na convivência, “prestando atenção” às pessoas, frequentemente mães, avós e tias, mas também a outros familiares e vizinhos; aos “mais velhos” em geral; às rezadeiras(ores) e outros especialistas. Mas também há intenções - de interesse, hereditariedade, missão -, na direção de tornar-se uma rezadora ou alguém que conhece as ervas. No entanto, nem a atenção, nem a intenção implicam em retenção e congelamento dos conhecimentos – a pessoa vai se tornando especialista, sem necessariamente haver eventos de ruptura com o cotidiano, fazendo parte do processo de tornar-se uma pessoa daquele lugar. Nossos interlocutores quilombolas nos dão pistas ao destacar que têm curiosidade, que acham bonito, que é bom para cuidar dos filhos (nesse caso a experiência da maternidade), que ouviram as palavras (de outros rezadores) e “aprenderam”, que um evento os motivou, que é um dever cuidar da comunidade (experiência religiosa), que é um dom herdado de ancestrais, pais e avós (TAVARES et al, 2019).

## O xarope de Dona Vardé e outras receitas de resistência no quilombo do Kaonge

A história em que se entrelaçam Dona Vardé, sua entidade espiritual indígena, a Rota da Liberdade e o xarope materializa essa disposição terapêutica da atenção e intenção numa pragmática perfeitamente ajustada ao modo de viver local. Perguntada sobre os benefícios do xarope, Dona Vardé costuma dizer que é “bom pra tudo”, pois a terapêutica não se restringe às definições de doença ou aos limites do corpo tal como a biomedicina compreende. De fato, o xarope pode significar “saúde” em outras perspectivas.

Sugerimos, então, compreender o xarope de Dona Vardé como uma receita de resistência (STENGERS, 2017) em que se entrelaçam terapêutica e cuidado; conhecimento entre humanos e não humanos; resistência e modos de habitar. Os conhecimentos terapêuticos quilombolas são diferentes dos científicos de várias maneiras, mas considerá-los como “crenças” é uma compreensão equivocada – racista - do que significam as diferenças que, no caso das comunidades quilombolas, remetem fortemente às religiosidades afro-brasileiras e afrocatólicas, consideradas sincréticas e mágicas. Diferenças mal compreendidas indicam, antes, problemas na “tradução” dos conhecimentos terapêuticos quilombolas para as premissas do conhecimento científico.

Sztutman (2018: 350), ao relatar o movimento das bruxas neopagãs, que buscam reativar uma tradição no seio da modernidade europeia, chama a atenção para uma atitude que é desvinculada do sentido de ancestralidade.

Não se trata justamente nem de ancestralidade wicca, nem de tomar algo dos outros – dos povos indígenas, por exemplo. Não se trata nem de resgate, nem de apropriação cultural – dois fantasmas que nos rondam nos dias de hoje –, mas de criatividade, de novos rituais. Como escreve Émilie Hache, Starhawk pensa politicamente a espiritualidade – religião profana, pagã, religião da imanência –, isto é, como forma de produção de antídotos às religiões universais ou de Estado.

Tal como sugere Sztutman, as receitas de resistência no quilombo do Kaonge, como o xarope de Dona Vardé, não apresentam o vínculo ancestral no sentido preservacionista do termo, em que antigas receitas são mantidas e transmitidas de geração em geração. A produção do “novo” faz parte dessas receitas num movimento que coopera para a políticas de autenticidade quilombola. Trata-se mais



de um modo de fazer com outros protocolos, como aponta Carneiro da Cunha (2007).

Para além da questão temporal, a mensagem indígena em um quilombo também nos faz pensar sobre os limites étnico-culturais aos quais nós antropólogos ainda estamos apegados. No quilombo do Kaonge, no xarope de Dona Vardé, a referência quilombola está enlaçada à intervenção indígena, ancorada na experiência religiosa umbandista que vincula todos os membros da família extensa do Kaonge. Essas são possibilidades de encontro que vem sendo objeto de etnografias recentes, como sugere Goldman (2014a) a propósito das formas de atravessamento da “relação afroindígena”.

A relação entre as ideias de Stengers e o quilombo do Kaonge parecem indicar um caminho possível para compreender experiências que resistem à captura das formas de pensar capitalistas. Não se trata certamente, tanto para Stengers, quanto para a comunidade do Kaonge, uma questão de confrontar o capitalismo, já que esse “feitiço” não mostra sinais de enfraquecimento. Mas parece que, sendo “contra enfeitizado”, é possível conhecer linhas de fuga possíveis.

Como esclarece Sztutman (2018: 351), em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari (1997) denominam “nômades”: “aqueles que traçam uma máquina de guerra, tomando dos impérios as suas armas, aqueles que resistem nas franjas do poder, e não fora delas”. Deleuze e Guattari podem ser boa inspiração para compreendermos o que se passa no Kaonge, já que a organização política do grupo no âmbito do Conselho Quilombola mostra como o contato, a linguagem, as ferramentas, as formas possíveis de relação com o poder público revertem-se em benefícios para a comunidade. Assim como a política, sua história e seus saberes, transformados em “produtos” na Rota da Liberdade, mostram a inversão da chave colonizadora a que os povos quilombolas estiveram submetidos.

Carneiro da Cunha (2009) já destacou o movimento de apropriação da categoria “tradicional” dentre os grupos minoritários em seu trabalho sobre as transformações recentes nos termos da “cultura”. A autora aponta que, na década de 1990, essa categoria passou de um instrumento de análise acadêmica das ciências sociais para uma ferramenta de reivindicação política de reconhecimento e de conquista de direitos. Da mesma forma, no Kaonge, no xarope de Dona Vardé, temos criação de “cultura” - o saber tradicional se faz por novas formas ou, nos termos de Stengers, em receitas que oferecem resistência contra o feitiço do capitalismo e suas mazelas.

Ao dialogar com Stengers, Renato Sztutman (2018) propõe uma aproximação entre as ideias da autora e uma possível aplicabilidade destas na América do Sul, e especialmente entre os indígenas. O autor propõe que:

Tais as ativistas neopagãs, evocadas por Stengers, os povos indígenas poderiam nos dar lições de como nos proteger, de como resistir nessa era reconhecida como Antropoceno ou Capitaloceno, tempo de catástrofes e de escancaramento das “feitiçarias do capitalismo”. No *reclaim* de Starhawk, assim como nas retomadas de terras dos povos indígenas, fenômeno que responde a séculos de expropriação, o que está em jogo é a relação irrefutável entre terra e magia, entre o acesso a um “bem comum” – a capacidade de pensar e agir em conjunto – e a animação dos existentes, entre o material e o imaterial, entre a espiritualidade e a política. (SZTUTMAN, 2018: 356)

A receita do xarope fornecida pela índia a Dona Vardé, com o intuito de criar um atrativo turístico dentro da Rota da Liberdade, põe em relação muitas referências heterogêneas na forma de ideias-força: tradição, saber ancestral, cultura

negra e indígena, numa relação imaterial em que convergem humanos e não humanos, passado e presente, agenciando politicamente pelos direitos de existir, resistir e re-existir.

Essa inseparabilidade entre mundos (materiais e imateriais) que reconhece os agenciamentos dos materiais é retomada na abordagem de Stengers (2017) sobre o animismo. A autora questiona a ideia de que o animismo esteja limitado à regimes ontológicos específicos, comumente colocados em oposição à modernidade - “Isso não significaria resgatar algo do passado nem se apropriar de algo inteiramente exógeno, mas sinalizaria uma possibilidade de criação e resistência” (SZTUTMAN, 2018, p. 341). É a criação da Rota da liberdade apontando para uma criatividade de resistência. A criação de um produto turístico, que remete à vida anterior naquele lugar (co)agencia com o xarope de Dona Vardé, que é uma receita nova, “inérita”, trazida pela entidade indígena, interagindo passado (tradição) e criatividade.

Outra criação importante nos quilombos e que compõe o circuito turístico da Rota da Liberdade é o cultivo de ostra, atividade desenvolvida no quilombo Dendê. Não se tratando de uma atividade “tradicional” da região, como conta Nico, presidente da cooperativa de marisqueiros, em entrevista ao Jornal A Tarde<sup>10</sup>, a ideia foi levada por uma ONG, que sugeriu que o cultivo de ostras às margens do Rio Paraguaçu poderia ser uma nova fonte de renda para a comunidade (eles levaram as primeiras ostras e ensinaram como cultivá-las). Nico conta que foi o primeiro a apostar na ideia e em 2004 formou-se a cooperativa, já com 30 membros. O cultivo de ostras trouxe para a comunidade o reconhecimento internacional da qualidade do produto (com certificação pela *Slow Food*). Além disso, o cultivo dessa iguaria alavancou a Festa da Ostra, que acontece anualmente no mês de outubro no quilombo Kaonge. Certamente a criatividade associada ao esforço comunitário de encontrar formas de re-existir se apresentam nas comunidades do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguapé como contrafeitiços poderosos, que tem trazido retornos financeiros e sociais não previstos pelo feitiço capitalista colonizador<sup>11</sup>.

## Apontamentos finais

Reivindicar o xarope da Vardé como “receita de resistência” é assumir certa posição no exercício da “tradução” antropológica. Não se trata de romantismo ou de licença poética o movimento de evocar a metáfora acima como alusão ao saber de coletivos minoritários como as comunidades quilombolas do Vale do Iguape. Não queremos deixar de lado as escolhas, necessárias, que envolvem cuidado e delicadeza ao enunciar uma narrativa que está situada em conhecimentos corporificados. Correndo esse risco, buscamos neste artigo argumentar como Goldman (2014b: 9), para quem “Isso significa que a utilização desses termos não é apenas uma questão ‘epistemológica’ ou ‘metodológica’, mas faz parte de um posicionamento ético e político.”

As posições de Isabelle Stengers, densas e corajosas, exigem conhecimento da discussão atual que vem agregando a ecologia na narrativa das ciências sociais.

<sup>10</sup> Jornal A tarde, Salvador, 24/07/2016, pag 16-25.

<sup>11</sup> As comunidades também já contam com o Banco Comunitário Quilombola do Iguape (BCQI), fundado em 20 de novembro de 2015, no Dia da Consciência Negra, e sua própria moeda local, o Sururu.

São reflexões que desaguam no antropoceno, como vem sendo reconhecido e designado não só por ambientalistas, mas por antropólogos e indígenas que entendem, bem mais do que nós, diga-se de passagem, sobre fins do mundo<sup>12</sup>.

Neste sentido, como ressalta Stengers (2017), é urgente a resistência aos feitiços do capitalismo e o alinhamento com Gaia. Esses sujeitos apontam para relações mais sustentáveis com a natureza e menos exploratórias, como conexões frequentemente associadas a formas de organização menos autoritárias. Sztutman, inclusive, cita Clastres, se não para reafirmar a ideia do autor de uma sociedade contra o Estado e para a liberdade, já que hoje isso parece impossível, mas para propor novos possíveis modos de habitar o mundo, apontando “na criação de interstícios que possam abrigar distintos modos de existência, novas formas de vida” (SZTUTMAN, 2018: 357).

As receitas de resistência no quilombo Kaonge parecem apontar nesta direção. Trata-se de estratégias inteligentes e criativas de reformular quaisquer coisas que sejam, pessoas, nomes, não-humanos, ou talvez, reconhecer as próprias reformulações das coisas por si, agenciando modos de existência, modos de habitar que estão certamente mais comprometidos com a T(t)erra (a que se pisa e a qual compartilhamos) e com a vida (em todos os sentidos materiais e imateriais) do que vem se mostrando os moldes do capitalismo e o modo de habitar do capitalismo.

O contrafeitiço, ou desenfeitiçamento do capitalismo colocam-se como formas terapêuticas para Gaia. As receitas que Dona Vardé e o quilombo do Kaonge desenvolvem são de fato bem mais abrangentes que cuidados à saúde individual dos doentes. A cura planetária, de um modo de habitar doente, enfeitiçado pelo capital e que seu contrafeitiço se coloca como possibilidade de permanência “humana” na Terra.

Talvez “retroceder ao animismo” conforme um pensamento científico moderno, seja menos imoral que a destruição da espécie humana, para a qual parece que caminhamos. Reafirmando o que disse Viveiros de Castro (2014), descolonizar o pensamento torna-se terapêutico, no sentido de curar uma Gaia ferida. E nesse sentido já caminhavam indígenas, quilombolas e bruxas. Certamente não só a obra de Stengers e de outros pensadores atuais sobre esta questão são complexas, mas também a organização política e as receitas de resistência do Kaonge. Assim resta sugerir que essas suscitem a atenção, e que possamos refletir juntos, pesquisadores, quilombolas, e outros agentes indefinidos na mesma direção.

*Recebido em 9 de abril de 2021.*

*Aprovado em 30 de agosto de 2021.*

<sup>12</sup> Essa ideia é apresentada por David Kopenawa em seu diálogo com Bruce Albert no livro *A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami* (2015).

## Referências

- BASSI, Francesca; TAVARES, Fátima. Preparando o banquete, sonhando a festa: memória e patrimônio nas festas quilombolas (Cachoeira-Bahia). *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 4 (7): 15-32, 2017.
- BORBA, Mirela. *Rota da Liberdade: turismo étnico nos quilombos da Bacia e Vale do Iguape, Cachoeira, Bahia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais). FFCH:UFBA, 2018.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista USP*, 75: 76-84, 2007.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naif, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. MIL PLATÔS. *Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4. Coordenação da tradução: Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo:34, 1997.
- FAVRET-SAADAD, Jeanne. *Les Mots, la mort, les sorts. La sorcellerie dans le Bocage*. Paris, Gallimard, NRF, 1997.
- FOCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião. Textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.
- GOLDMAN, Marcio. A relação afroindígena. *Cadernos de Campo*, 23: 213-222, 2014.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*. London/New York: Routledge, 2000.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. *A queda do céu. Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MENDONÇA, Tatiana (Texto); TAVÓRA, Lúcio (Fotos). Viagem ao centro da Terra. *Jornal a Tarde, Caderno Muito*: 20-25, 24/7/2016.
- PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. *La sorcellerie capitaliste: pratiques de désenvoûtement*. Paris: La Découverte, 2015.
- STENGERS, Isabelle. *Au temps des catastrophes: résister à la barbarie qui vient*. Paris: La Découverte, 2009.
- STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo., Tradução Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de Leituras* 62. , Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2017.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 69: 338-360, 2018.

TAVARES, Fátima; CAROSO, Carlos; BASSI, Francesca; PENAFORTE, Thais; MORAIS, Fernando. *Fazeres e saberes terapêuticos quilombolas*. Salvador: EDUFBA, 2019.

TAVARES, Fátima; BASSI, Francesca; CAROSO, Carlos. Patrimônio festivo, étnico e terapêutico: religiões afro-brasileiras e cultura quilombola. *Vivência Revista de Antropologia*, 55 (1): 52-77, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Who is afraid of the ontological wolf? Some comments on an ongoing anthropological debate. *The Cambridge Journal of Anthropology*, 33(1): 2-17, 2014.

**ACENO**  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

*A Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste  
recebe o ano inteiro, em*

**FLUXO CONTÍNUO,  
artigos livres,  
resenhas,  
ensaios fotográficos,  
dossiês (propostas).**

*Interessados na submissão de trabalhos e  
também em atuar como*

**pareceristas**

*podem realizar seus cadastros em*

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno>

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso